



galeria
marco
zero

Bruno Vilela

Inicialmente formado no mundo do grafite, o fotógrafo e pintor Bruno Vilela é um dos principais artistas brasileiros da geração dos anos 2000. No início de sua formação, Vilela estudou pintura com o japonês Shunichi Yamada, cujos ensinamentos em técnicas orientais – como sumiê e desenho anatômico – tiveram um impacto duradouro na produção do artista. As técnicas da pintura japonesa são também unidas a uma obra que reverbera materiais e procedimentos da *Pop Art* norte-americana, como a serigrafia, bem como o *blurring* próximo ao de Gerhard Richter. Trata-se de uma pintura que conjuga simbolismo, virtuosismo técnico e letramento em história da arte.

Em seu trabalho, um amplo repertório de símbolos, mitos e arquétipos, que conjugam natureza e cultura, são mesclados em uma mitologia pessoal. Assim, Vilela elabora um léxico visual no qual diferentes índices culturais sinalizam o interesse

do artista por modos de figurar a natureza, espaços interiores e o corpo humano. As florestas, o mar e os céus são motivos que constantemente aparecem no desdobramento das séries de pinturas de Vilela. Um traço característico de seu trabalho é a construção da luminosidade pela adição de camadas de tinta mais escuras, como se a luz fosse um efeito da penumbra.

O artista participou de muitas coletivas e individuais ao longo de sua carreira. Dentre as suas mostras individuais mais importantes, somam-se: Em 2025, *As estrelas descem à Terra*, Galeria Marco Zero, Recife; em 2022, *Drama Dream*, Galeria Lume, São Paulo, *O Livro de São Sebastião* na Galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro; em 2014, *Dia de festa é véspera de dia de luto*, Paço das artes, São Paulo; e, em 2009, *O Céu do Céu*, Museu do Estado de Pernambuco, Recife. Seus trabalhos compõem importantes acervos institucionais: Museu Nacional

de Belas Artes (MnBA), Rio de Janeiro, MAMAM, Rec Cultural, Fundação Joaquim Nabuco e do Museu do Estado de Pernambuco, em Recife, Biblioteca Mário de Andrade e CCSP, São Paulo, Centro Dragão do Mar, Fortaleza, e Banco Mundial, Washington, D.C./EUA. O artista também publicou diversos livros e catálogos de individuais: em 2022, *A persistência da Luz*, em conjunto com Clarissa Diniz, premiado com o Prêmio Design Brasil; em 2016, *O livro de São Sebastião*; em 2014, o romance *A Sala Verde*, dentre outros. Em 2014, os cineastas Beto Brant e Cláudio Assis produziram um documentário sobre sua obra, vinculado pelo Canal Arte1. Em 2025, Vilela estreia seu primeiro filme, *O Ano da Serpente*, selecionado pelo Kinoforum, principal festival de curta-metragem da América do Sul.





Arqueologia do inconsciente, 2022

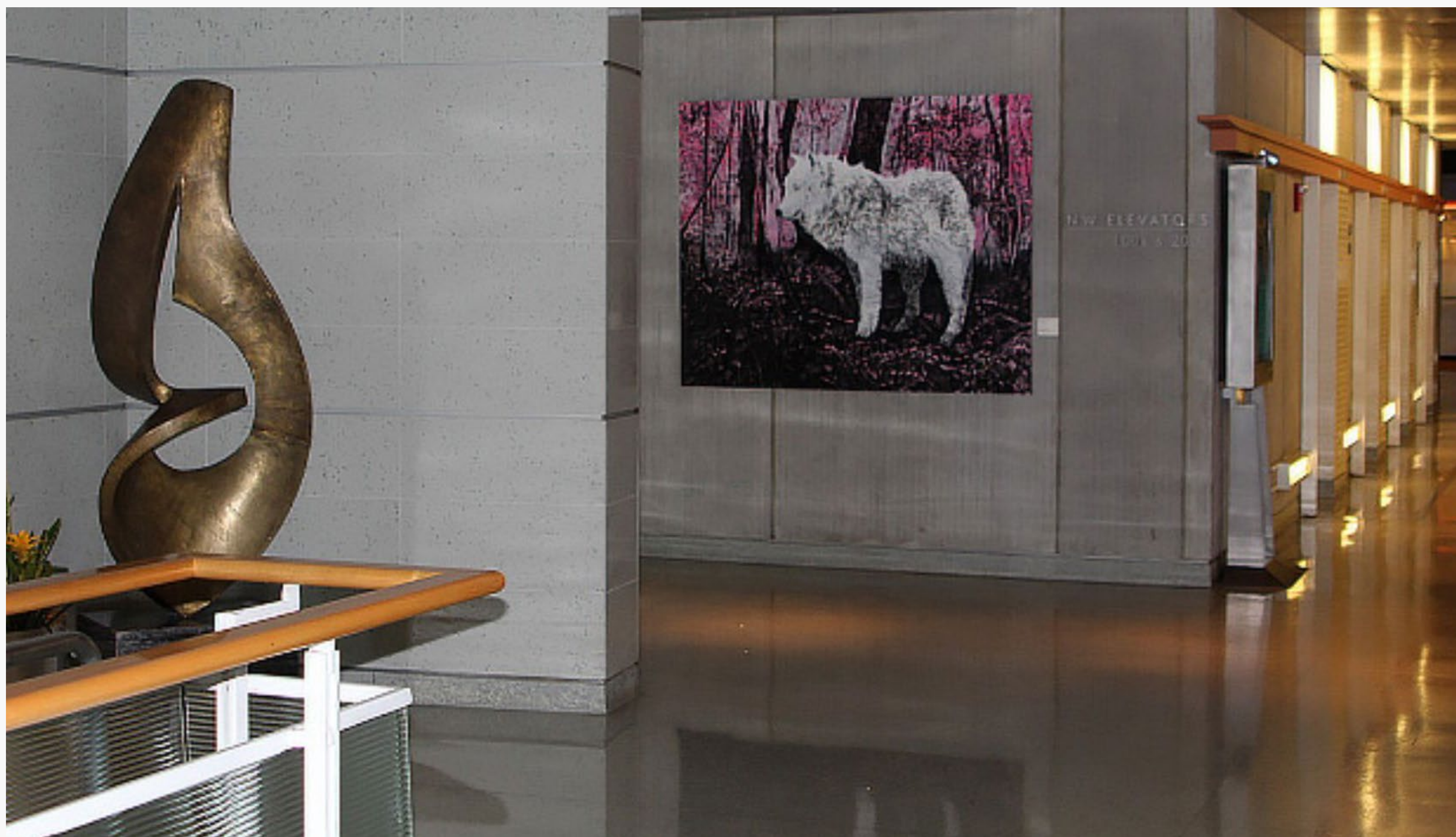
óleo, acrílica e folha dourada sobre tela

200x150 cm

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil



O lobo, 2015
óleo, acrílica e folha dourada sobre tela
150 x 200 cm
Acervo do World Bank, Washington DC, EUA



Hall de entrada do The World Bank, Washington DC, EUA, 2015

“A imaginação de Bruno Vilela incorpora religiões, mitos e símbolos diversos que se desdobram e se hibridizam em sua mitologia pessoal. Assim, uma lenda ribeirinha é reimaginada em *A caçada da anta*; o hindu empresta a simbologia de alguns dos monocromos e a astrologia chinesa é o tema d’*O ano da serpente*. Este conjunto eclético engatilha a imaginação do pintor no esforço de apreender seu atual motivo: a paisagem amazônica. Assim, nenhuma das figuras se restringe a matérias mundanas – como as habitações ribeirinhas (*Rio de dentro*, *Iara* e *O Boto*), as embarcações ou as urnas funerárias marajoaras (*Terra preta* e *Amazônia Golden Age*).

— Daniel Donato, 2025.



Rio de dentro, opus 2, 2025

óleo sobre tela

30 x 37 cm

GMZ.1605



Rio de dentro, opus 3, 2025

óleo sobre tela

30 x 37 cm

GMZ.1606



Rio de dentro, opus 4, 2025

óleo sobre tela

30 x 37 cm

GMZ.1607



Rio de dentro, opus 5, 2025

óleo sobre tela

30 x 37 cm

GMZ.1608



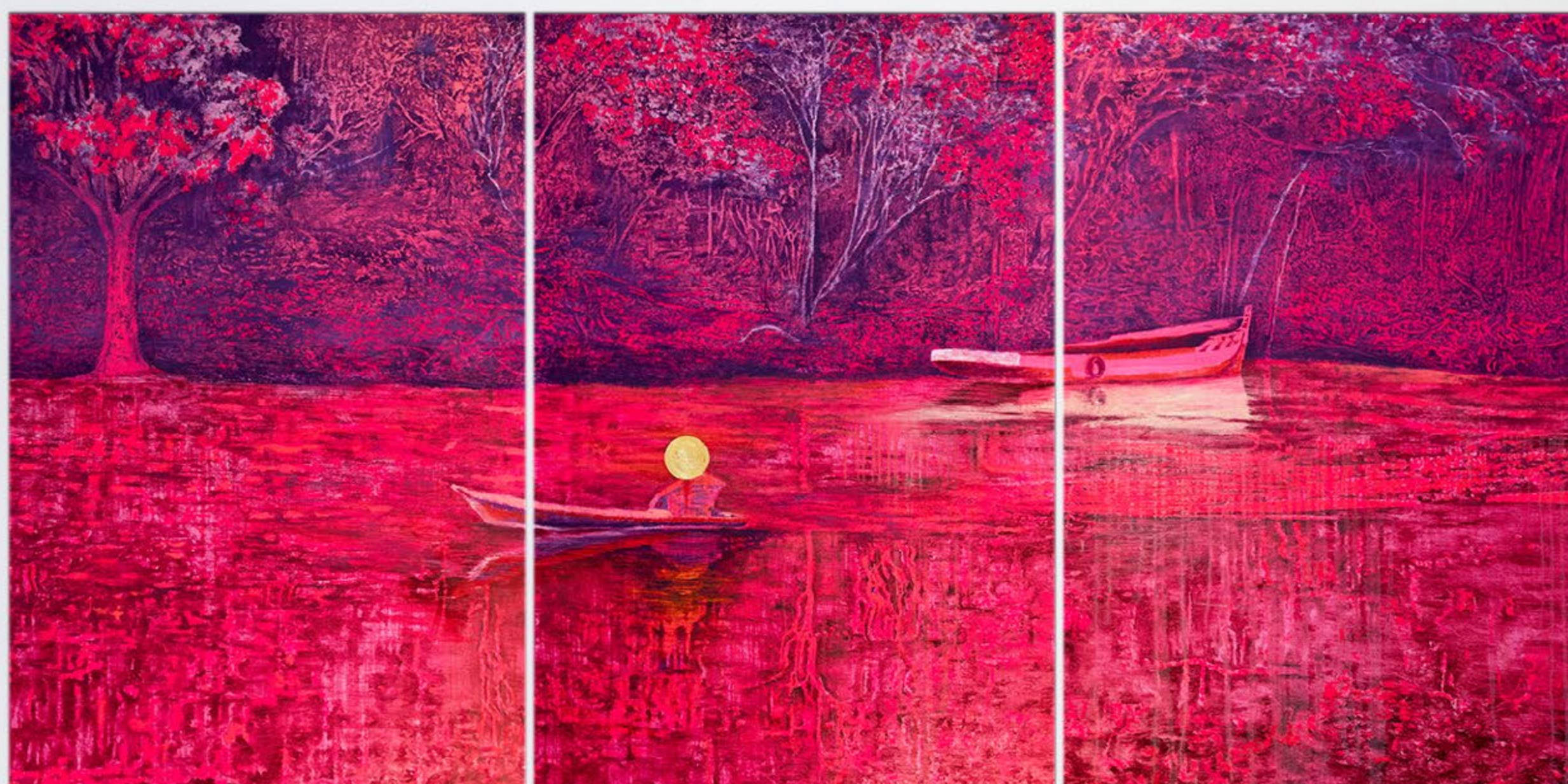


No hay luna, 2025

óleo sobre tela

150 x 140 cm

GMZ.2057



Banzeiro, 2025

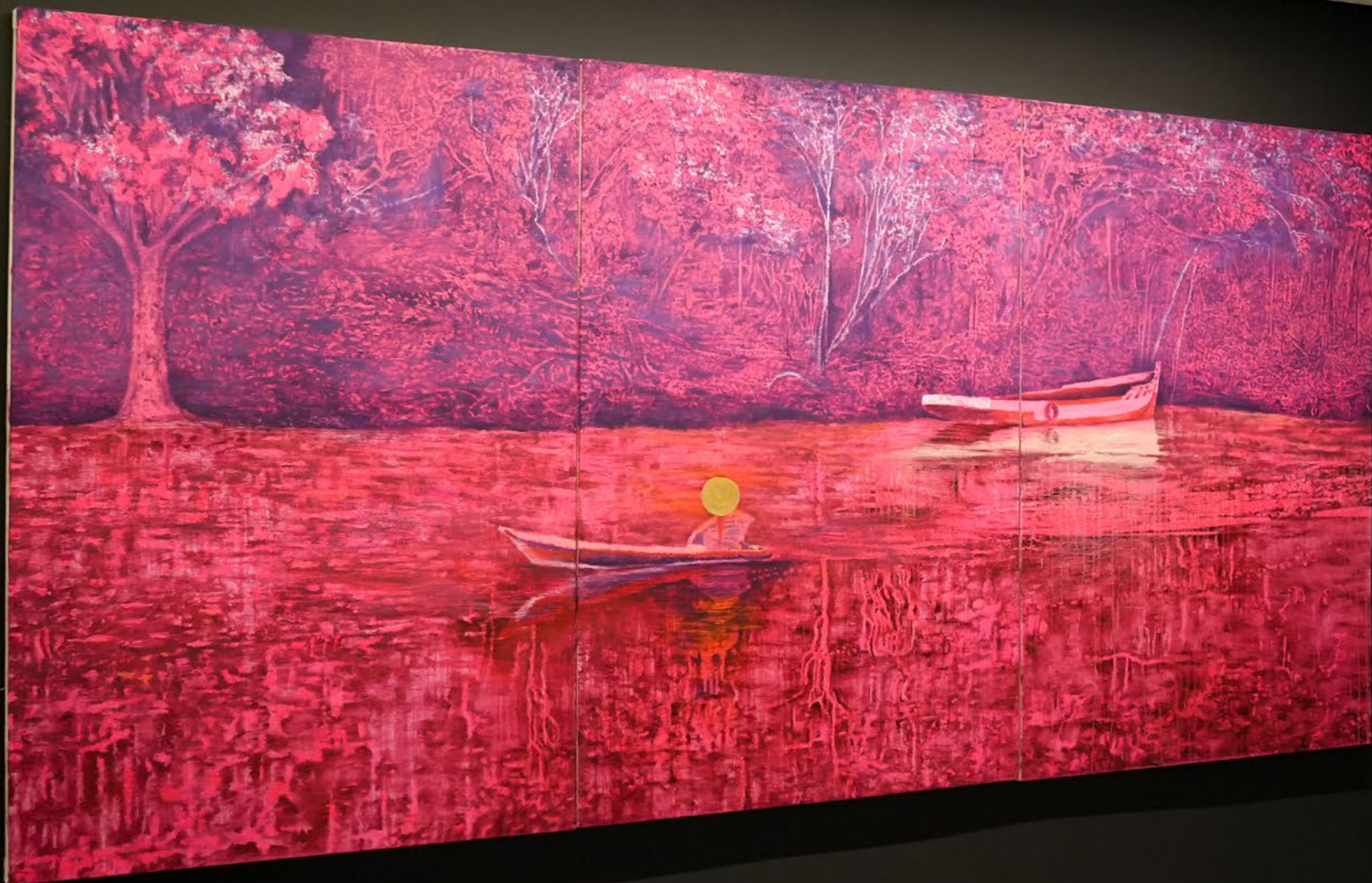
óleo e folha de ouro sobre tela

150 x 300 cm (tríptico)

GMZ.2052

Acervo REC Cultural, Recife, Brasil





AS ESTRELAS DESCEM À TERRA

BRUNO VILELA

CURADORIA
DANIEL DONATO

A imaginação de Bruno Vilela incorpora religiões, mitos e símbolos diversos que se desdobram e se hibridizam em sua mitologia pessoal. Assim, uma lenda ribeirinha é reimaginada em *A caçada da anta*; o hindu empresta a simbologia de alguns dos monócromos e a astrologia chinesa é o tema d'O ano do serpente. Este conjunto eclético engatilha a imaginação do pintor no esforço de apreender seu atual motivo: a paisagem amazônica. Assim, nenhuma das figuras se restringe a matérias mundanas – como as habitações ribeirinhas (*Rio de dentro, fora e O Boto*), as embarcações ou as urnas funerárias marajoaras (*Terra preta e Amazônia Golden Age*). São elementos que, na visão de Vilela, sugerem um universo simbólico ligado à espiritualidade e à arquetípica. Como diz o artista: "A experiência religiosa se dá aqui, não por dogma preconcebido, mas sim pela fenomenologia presente nas religiões orientais, cujo objetivo é a libertação da ilusão da mente".

Durante os vinte dias em que Vilela residiu na comunidade Santa Helena às margens do Rio Negro na Amazônia, índices culturais bastante distintos foram enquadrados pela retórica de suas lentes fotográficas, que deram início aos 17 trabalhos desta exposição. Se a obra acontece desde a concepção até o ateliê, o encontro com o assunto é apenas uma etapa inicial da pintura dessas pinturas. No ateliê, simbolismo, virtuosismo técnico e letramento em história da arte se unem no trabalho do artista. Um exemplo são os monócromos azuis, que aludem a Vishnu, mas também fazem referência ao período azul de Picasso.

Outro exemplo é a série de dipticos *Eco reflexo* na qual uma fotografia é projetada e pintada sobre duas telas com o referente visual. Uma mesma fotografia e técnicas utilizadas. Na parte de cima do diptico, trata-se de uma pintura a óleo cuja luminosidade é construída em camadas de sobreposição das tons mais claros e mais escuros. Na parte de baixo, é pintada uma figura bem próxima a de uma paisagem. Depois desta tela parcialmente seca, dada através do espalhamento. Por fim, uma figura espectral é adicionada através do questionamento acerca da dificuldade de representação

do motivo inicial. Em ambas as partes do diptico, o gesto artístico incide na fotografia em sua dimensão documental. Ao rasurar a pintura feita a partir da imagem fotográfica, Vilela questiona a representação que aponta além da retórica mística.

Assim sendo, a união entre diferentes referenciais simbólicos e gesto pictórico não resulta na reconstituição da experiência religiosa. Se a radiança da luz é um aspecto notável na maior parte das telas da exposição, estes trabalhos não aludem à luz divina ou transcendente, pois o que fazemos é ressaltar a qualidade indicial da fotografia. Por consequência, as pinturas patenteiam um dado político. É precisamente no coeficiente de realidade apresentado pela imagem fotográfica, que atravessa o processo pictórico de Vilela, que o indicio do real se impõe, revelando o regime político latente às suas telas. Despojada da retórica mística, a luz fluorescente nas telas aparece como o fetiche moderno. Essa inversão, como aqui propõe, ocorre em analogia ao ensaio de Theodor Adorno do qual a exposição toma seu título emprestado. Para o filósofo, as previsões astrológicas veiculadas no jornal *Los Angeles Times* ocultam nas estrelas o absurdo

do mundo pós-guerra em que aos leitores é preferível adiar para os astros a responsabilidade sobre suas próprias vidas. Isto é, a astrologia dissimula a submissão ideológica. Assim, o ocultismo revela um elemento bastante mundano: a aceitação de um sistema social opressivo enquanto destino coletivo irreparável. Essa ocultação notada por Adorno ecoa no trabalho de Bruno Vilela, onde a busca por símbolos religiosos revela uma experiência política tácita. O brilho enérgico não é o da criação divina, mas talvez a radiança de uma fusão nuclear, nos introduzindo a uma aventura atômica na Amazônia com personagens radioativos e paisagens fantasmagóricas, atinada com a vida contemporânea da floresta².

1. A cerâmica marajoara despertou forte interesse de muitos artistas modernos brasileiros. Dentre eles, Theodoro Braga, Vicente do Rego Monteiro e Regina Gomide Graz.

2. *Usinas nucleares na Amazônia? Aventura atômica em plena floresta*. Artigo de Heitor Scalabrini e Zoraide Vilasboas. Instituto Humanitas Unisinos, abril de 2024.

Daniel Donato



Exibição do curta-metragem *O Ano da Serpente*, dirigido por Bruno Vilela, 2025.

Clique e assista ao teaser.



As Estrelas descem à terra, 2025

óleo sobre tela

150 x 140 cm

GMZ.2054

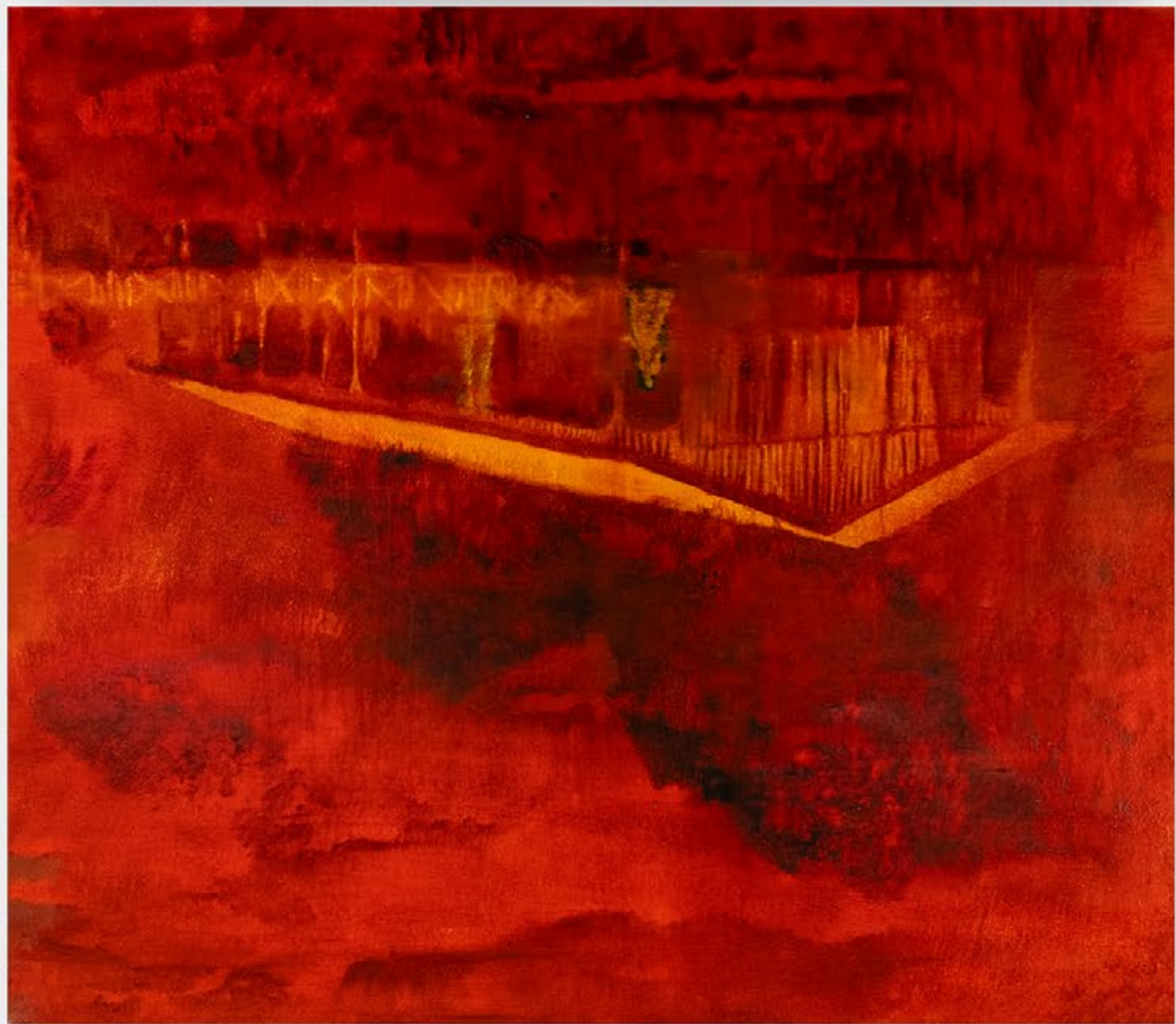






Livro *A Persistência da Luz*, de Bruno Vilela, Editora Propágulo, 2022

Vencedor do Prêmio do Design Brasileiro 2023



Iara, díptico da série *Eco reflexo* 2025
óleo sobre tela
140 x 81 cm
GMZ.2053





Onde nascem as nuvens, 2025

óleo sobre tela

140x150

GMZ.1513



Nuvens estranhas _ opus 05, 2025

óleo sobre tela

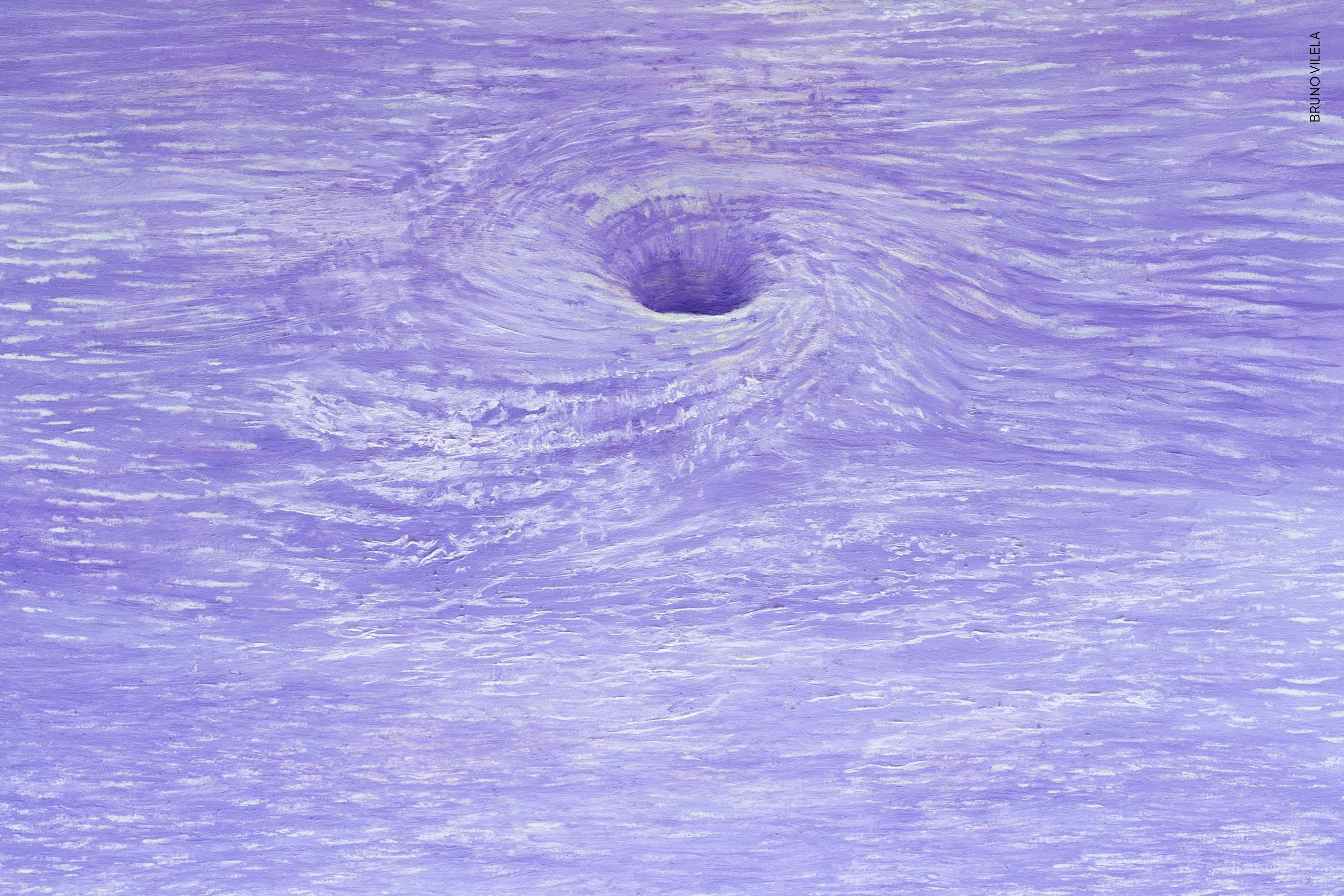
100 x 130 cm

GMZ.1223



Lua negra, 2025
óleo sobre tela
200x150 cm
GMZ.1720







A caçada da anta, 2025
pigmento puro sobre papel de algodão
31 x 41 cm (cada; 9 total)
GMZ.2053



Vista da exposição *As estrelas descem à Terra*, na Galeria Marco Zero, Recife, 2025



BRUNO VILELA

Exibição do filme *O Ano da Serpente* no 36º Festival Internacional de Curtas de São Paulo – Kinoforum.
Cinemateca de São Paulo, Brasil



O rio sagrado, 2013
acrílica sobre tela
370 x 200 cm







Floresta azul, 2014
acrílica em tela
150 x 200 cm



Floresta turquesa, 2014

acrílica em tela

150 x 200 cm





Edo, 2023
óleo sobre tela
150 x 300 cm



O rio escarlata, 2019

óleo sobre tela

125x170 cm





Amazônia golden age, 2025
carvão e serigrafia sobre linho
108 x 94 cm
GMZ.2061





Terra preta, 2025
carvão e serigrafia sobre linho
108 x 94 cm
GMZ.2061



Arqueologia do azul, 2025

óleo sobre tela

150 x 180 cm

GMZ.1719



O boto, díptico da série *Eco reflexo* 2025

óleo sobre tela

140 x 81 cm

GMZ.2058



A poética do artista, que vem sendo afinada há mais de vinte anos, é conhecida pelo repertório de símbolos, mitos e arquétipos que conjugam natureza e cultura, tencionando categorias a priori distintas, em busca de um pensamento mágico. Reunindo imagens de várias manifestações culturais, Vilela elabora um léxico próprio, tendo a natureza como constante protagonista. Onças, matas fechadas, densas florestas tropicais, folhagens, rios e barcos nos convocam a uma experiência imersiva. Diante de sua pintura, por vezes questionamos a noção de tempo histórico, como se a narrativa se situasse num suposto “estado primordial” do humano.

— Pollyana Quintela.



Rasga mortalha, 2025

carvão e acrílica sobre papel de algodão

114 x 85 cm

GMZ.2051



Vista da exposição *As estrelas descem à Terra*, na Galeria Marco Zero, Recife, 2025



Fim de festa, 2012
pastel seco sobre papel
200 x 150 cm

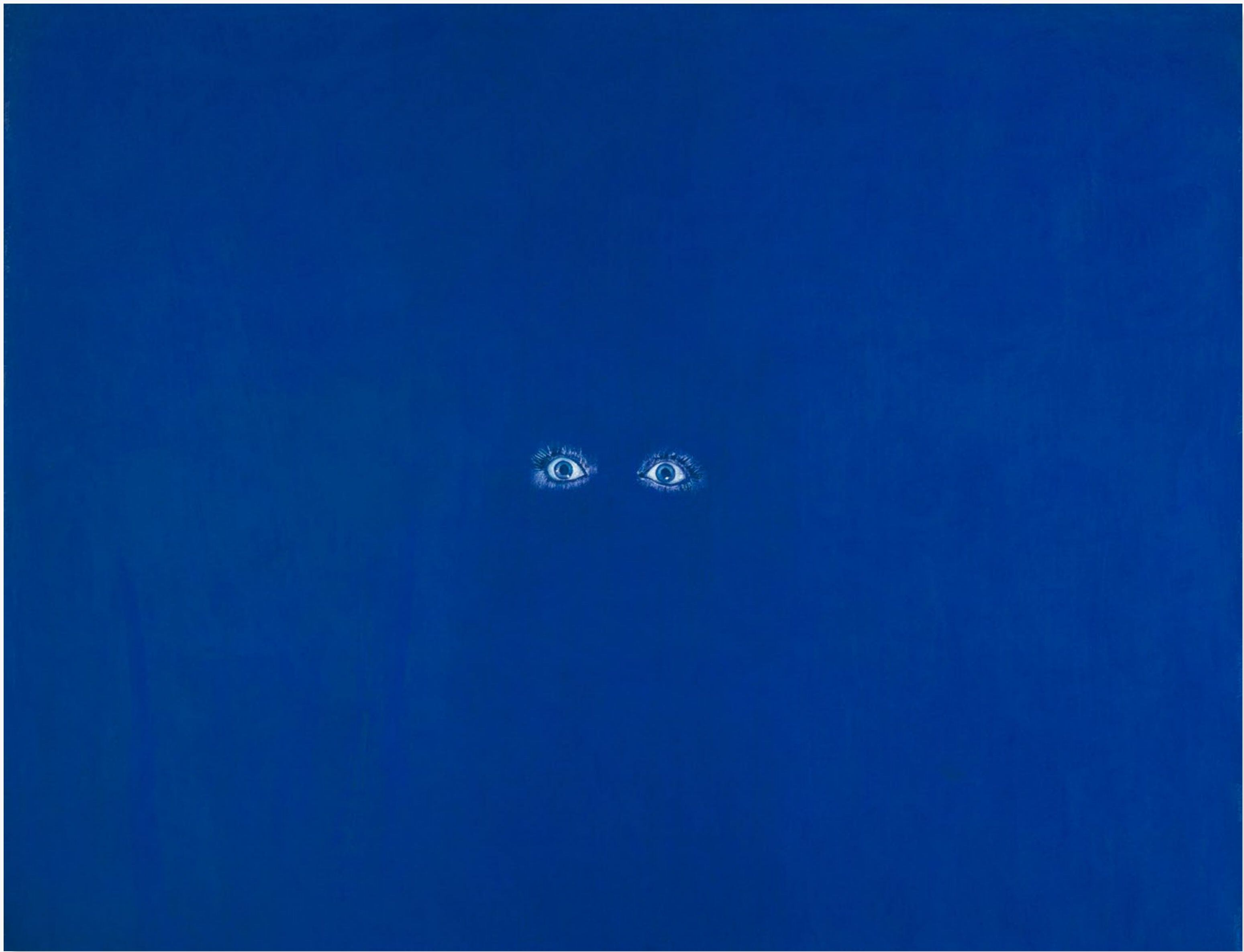


Nigth vision, 2012
pastel seco sobre papel
160x100 cm



Se parece evidente que cada desenho ou pintura retrata corpos humanos em planos de corte variados – do corpo inteiro ao retrato –, a ausência de partes dos rostos promove a anulação do índice mais aceito de humanidade. Ademais, ao terem bocas, narizes e por vezes orelhas apagadas, as figuras, quase sempre sozinhas, são destituídas daquilo que as singularizaria frente a quaisquer outras. O que usualmente resta desse desmanche seletivo de faces, além dos contornos mal definidos dos rostos que os corpos carregam, são quase somente olhos: por vezes atentos, outras tristes, talvez até espantados

— Moacir dos Anjos, 2012.



Kali, 2014
acrílica sobre tela
113 x 148 cm



Iemanjá, 2024

Waji e folha de ouro sobre papel de algodão

154 x 114 cm

Acervo REC Cultura, Recife, Brasil



Krishna, 2019
Waji e folha de ouro sobre papel de algodão
190 x 152 cm





Red right hand, 2016

óleo sobre tela

150 x 120 cm



A suspensão da descrença, 2024

óleo e ouro 22k sobre tela

150 x 200 cm





Drama dream, 2022

óleo, pastel seco e ouro 22k sobre tela

150 x 200 cm



Caverna, 2024
óleo sobre tela
100 x 130 cm



O divã, 2016
óleo e carvão sobre papel
115 x 155 cm

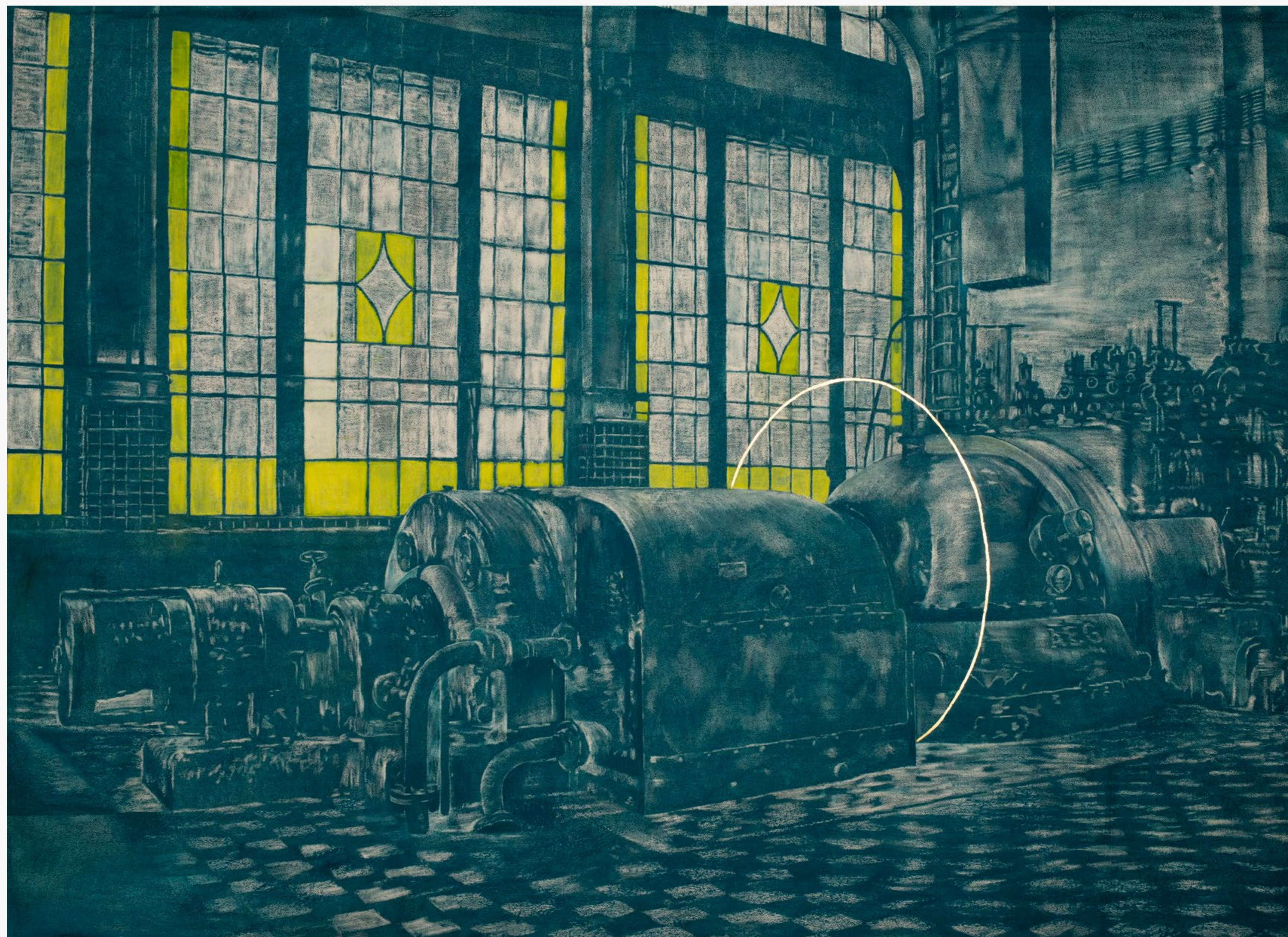


Brasil, 2024
óleo sobre tela
150 x 200 cm





O pontífice, 2016
óleo sobre tela
90 x 130 cm



Swadhisthana, 2016
pastel seco sobre papel
152 x 207 cm

[...] artista que, havendo passado pela Escola de Belas Artes (com sua formação clássica), vivenciou também possibilidades contemporâneas da pintura, do grafite ao design. Fazendo ver que hoje a pintura e o desenho se reinventam ao explorar sua própria historicidade, experimentando sua atual potência de sensibilização, a obra de Vilela é também a evidência de que o legado do desenho e da pintura pernambucana se mantém vivo. O artista está entre os principais pintores brasileiros de sua geração.

— Clarissa Diniz.



Erga-se até que os cordeiros se transformem em leões, 2013

óleo sobre tela

120 x 170 cm



O que para você é sangue, para a onça é vinho, 2017

óleo sobre tela

150 x 200 cm



Pôster do curta metragem *O Ano da Serpente*, 2025, dirigido por Bruno Vilela.

[Clique para acessar o teaser.](#)

BRUNO VILELA
Recife, PE, 1977.
Vive e trabalha em Recife, Brasil .

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS SELECIONADAS

- 2025

As Estrelas Descem à Terra, Galeria Marco Zero, Recife, Brasil
- 2022

Drama Dream, Galeria Lume, São Paulo, Brasil
Turquesa Escarlata, Garrido Galeria, Recife, Brasil
- 2019

Shiva, Galeria Anita Schwartz, Rio de janeiro, Brasil
- 2018

Hermes, Galeria Amparo 60, Recife, Brasil
- 2016

O livro de São Sebastião, Galeria Anita Schwartz, Rio de janeiro, Brasil
Textos Bárbaros, Galeria Oscar Cruz, São Paulo
- 2015

A Sala Verde, Palácio Pombal, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal
ELA, MAC–CE, Dragão do Mar, Fortaleza, Brasil
- 2014

Animattack, Galeria Amparo 60, Recife, Brasil
- 2013

Dia de festa é véspera de dia de luto, Paço das Artes, São Paulo, Brasil
Voodoo Drama, Amparo 60, Recife
- 2012

Ouroborus, Galeria Laura Marsiaj, Rio de janeiro, Brasil
- 2011

Cabeça de santo, Galeria Mariana Moura, Recife, Brasil
- 2010

Bibbdi Bobbdi Boo, CCBNB, Fortaleza, Brasil

- 2009

O Céu do Céu, Museu do Estado de Pernambuco, Recife, Brasil
- 2008

Bibbdi Bobbdi Boo, Galeria Massangana, FUNDAJ, Recife, Brasil
- 2006

Réquiem sobre papel, Museu Murilo La Greca, Recife, Brasil
- 2002

A Imagem nº1, Galeria Baobá – FUNDAJ, Recife, Brasil

EXPOSIÇÕES COLETIVAS SELECIONADAS

- 2025

Serpentário, Galeria Marco Zero, Recife
- 2023

About Water & Plants,Troy House Foundation, Londres, Reino Unido
Comunidade de ressonância. Centro Cultural Veras, Florianópolis, Brasil
- 2022

Espelho Labirinto. Coleção Sérgio Carvalho, CCBB Brasília, Brasil
- 2020

Conversas diplomáticas, Galeria Celma Albuquerque, Belo Horizonte, Brasil
- 2017

Contraponto. Coleção Sérgio Carvalho, Museu Nacional de Brasília, Brasil
Prêmio Marcantonio Vilaça, CESI/CNI – Finalista. MUBE, São Paulo
A luz que vela o corpo é a mesma que revela a tela, Caixa cultural
- 2016

Orixás, Casa França Brasil, Rio de Janeiro, Brasil
- 2015

Fotos Contam Fatos, Galeria Vermelho, São Paulo, Brasil
Art from Pernambuco, Embaixada do Brasil, Londres Reino Unido
- 2014

Frestas - Trienal de Artes, SESC Piracicaba, Brasil
O desenho como instrumento. Livros de artista no Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil

2013

New Brasil Bolivia Now, Memorial da América Latina, São Paulo, Brasil

Dos Percursos e das poesias, MAC – CE, Centro Dragão do Mar, Fortaleza, Brasil

2012

Metrô de superfície, Paço das artes, São Paulo, Brasil

Zona Tórrida, Santander Cultural, Recife, Brasil

2011

World Bank Art Program, Washington, Estados Unidos

Jogos de guerra, Caixa cultural, Rio de Janeiro, Brasil

2010

Abre Alas, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil

SESC ARTE 24 horas, Pier da Praça Mauá, Rio de Janeiro, Brasil

Jogos de Guerra, Memorial a América Latina, São Paulo, Brasil

2009

Investigações Pictóricas, MAC Niterói, Brasil

2002

Projeto Prima Obra, FUNARTE, Brasília, Brasil

2001

58° Salão de Arte Contemporânea do Paraná, MAC, Curitiba, Brasil

Prêmio Internacional de Pintura de Macau, IMM, Macau.

PRÊMIOS

2023

Prêmio Design Brasil – Livro A Persistência da Luz

2013

Melhor Direção de Arte de Curta-Metragem do Festival internacional de cinema de Triunfo

2010

Prêmio FUNARTE de Estímulo à Criação Artística em Artes Visuais

FUNCULTURA – Sistema de Incentivo a Cultura de Pernambuco

PUBLICAÇÕES

2022

A persistência da Luz, em conjunto com Clarissa Diniz – Livro de carreira

2016

O livro de São Sebastião – Livro de artista

2014

A Sala Verde – Romance

2012

Animattack – Livro de artista

2010

Voo Cego – Livro de artista

Cabeça de santo – Catálogo

COLEÇÕES

Museu Nacional de Belas Artes – Rio de janeiro

Museu Nacional da República – Brasília

CCSP – Centro Cultural São Paulo – São Paulo

Banco Mundial – Washington

Biblioteca Mário de Andrade – São Paulo

Centro dragão do Mar – Fortaleza

Centro Cultural do Banco do Nordeste – Fortaleza

MAMAM, Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães – Recife

Fundação Joaquim Nabuco – Recife

Museu do Estado de Pernambuco – Recife

PUBLICAÇÕES

2014

Se cria assim. Documentário de 26 min dirigido por Beto Brant e Cláudio Assis

2018

Um.artista – Documentário para o Canal arte 1 dirigido por Markus Avaloni

VÍDEO ARTE

2025

O Ano da Serpente



Bruno Vilela, 2024

■
galeria
■ marco ■
zero
■

galeriamarcozero.com
[@galeriamarcozero](https://www.instagram.com/galeriamarcozero) | +55 81 3787-4630

Av. Domingos Ferreira, 3393 - Boa Viagem
Recife PE Brasil | 51020-035